



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

Semiotização da história: A metalinguagem crítica de I. M. Lotman

Semiotization of History: Yu. Lotman's Critical Metalanguage

Autora: Irene de Araújo Machado

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil

Edição: RUS, Vol. 13. Nº 23

Publicação: Dezembro de 2022

Recebido em: 19/09/2022

Aceito em: 03/12/2022

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2022.202514>

MACHADO, Irene de Araújo.

Semiotização da história:

A metalinguagem crítica de I. M. Lotman.

RUS, São Paulo, v. 13, n. 23, pp. 109-130, 2022.



Semiotização da história: A metalinguagem crítica de I. M. Lotman

Irene de Araújo Machado*

Resumo: O principal propósito do ensaio é discutir a concepção lotmaniana de história como problema semiótico da cultura e, enquanto tal, suscetível a interpretação em diferentes instâncias de temporalidade e em diferentes culturas. Para isso, a abordagem parte do questionamento de Lotman sobre o limite da ciência fundada na noção de verdade única sustentada por fontes primárias. Com base em estudos de tipologia da cultura, desenvolve um outro caminho analítico: a metalinguagem crítica a partir da qual as premissas históricas são entendidas como interpretação e o objeto da história como texto. Para evidenciar a importância do método indutivo, Lotman analisa, em pleno regime tsarista, movimentos insurgentes que operaram transformações na história russa, abrindo caminho para possibilidades interpretativas não facilmente evidentes.

Abstract: The main purpose of the essay is to discuss Lotman's conception of history as a semiotic problem of culture and, as such, submitted to different temporal scales of interpretation in different cultures. For this, it starts from Lotman's inquiring about the limit of the Science of history based on the notion of the single truth supported by primary sources. Based on studies of typology of culture, he develops another analytical path: the critical metalanguage from which historical premises are understood as interpretation and the object of history is taken as a text. To demonstrate the importance of the inductive method, Lotman analyzes how in the context of the tsarist regime, insurgent movements operated transformations in Russian history, opening the way to interpretive possibilities not easily seen.

Palavras-chave: Fato histórico; Interpretação; Texto de cultura; Metalinguagem crítica; Comportamento; Discurso

Keywords: Historical fact; Interpretation; Text of culture; Critical metalanguage; Social behavior; Discourse

* Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, Professora Livre Docente em Ciências da Comunicação e Professora Associada nos Programas de Pós-graduação Meios e Processos Audiovisuais e Estética e História da Arte. <http://lattes.cnpq.br/4718720127971532>; <http://orcid.org/0000-0002-1662-258X>; irenear@usp.br.

Desviando-se da noção de causalidade, dominante na definição de história, Lotman depositou nos estudos de tipologia da cultura¹ a possibilidade de examinar ocorrências que se manifestam na dinâmica de processos históricos que obrigam a uma revisão de pressupostos conceituais, particularmente aqueles relacionados com a noção de fato histórico como irrefutável expressão de uma verdade soberana. Contra essa coordenada, base da ciência da história, Lotman situa a tipologia da cultura orientada por uma metalinguagem crítica. Segundo essa abordagem, o estudo dos fatos históricos decorre do método descritivo que os focaliza, quer dizer, da teoria.² Ou, como se pode ler na formulação:

podemos formular o seguinte problema: o estudo da tipologia da cultura supõe que se perceba como tarefa especial a elaboração de uma metalinguagem tal que satisfaça as exigências da atual teoria da ciência, quer dizer, que permita a possibilidade de tornar objeto de exame científico não apenas tal ou qual cultura, mas também tal ou qual método descritivo da teoria, tomando tal distinção como uma tarefa independente.³

1 LOTMAN, 1979, p. 31-42; 1998a, pp. 81-92; 1998, p. 93-123.

2 LOTMAN, 1990, p. 217-221; 1984a, pp. 71-124.

3 [...] podemos formular el siguiente problema: el estudio de la tipología de la cultura supone que se perciba como una tarea especial la elaboración de un metalenguaje tal que satisfaga las exigencias de la actual teoría de la ciencia, es decir, que dé la posibilidad de hacer objeto de examen científico no sólo tal o cual cultura, sino también tal o cual método

Assim deveria ser o procedimento a nortear a chamada ciência da história. Todavia, o que Lotman observa é a prevalência da premissa dedutiva *a priori* estabelecida a propagar a crença numa verdade única dos fatos históricos, em prejuízo de seu objeto. Considerando que as diferentes culturas demandam métodos distintos de estudo, tal premissa se torna questionável. Além disso, não se pode ignorar que a própria história em que as culturas se desenvolvem é atravessada por distintas elaborações interpretativas e discursivas. Logo, o trabalho de interpretação orienta e seleciona o que se define como fato histórico.

Examinar os pressupostos da ciência da história foi uma das tarefas às quais se dedicou Lotman em sua investigação semiótica da cultura. Nela se destaca a importância da metalinguagem crítica na organização metodológica da tipologia da cultura, que, à luz da interpretação, incorpora o papel de sujeitos históricos como agentes fundamentais das ocorrências históricas, como ele procurou examinar em diferentes estudos de sua bibliografia intelectual. Retomados em seus dois últimos – *Cultura e explosão* (1992) e *Mecanismos imprevisíveis da cultura* (2010)⁴ –, a abordagem metalinguística contribuiu para a análise dos mecanismos imprevisíveis da cultura como processos culturais imprevisíveis e explosivos, tais como os acontecimentos que mudaram as relações geopolíticas na virada do século XX, quando os livros foram escritos.

A virada do milênio foi marcada por acontecimentos que reconfiguraram as relações geopolíticas: queda do muro de Berlim (1989); fim da Guerra Fria (1947-1991); dissolução do império soviético (1991). Blocos, muros e limites perderam sentido como controle de fronteiras e mecanismos de exclusão, e Lotman, atento às mudanças, viveu esse período de incertezas, mas nada o impediu de formular hipóteses sobre o tipo de organização sociopolítica que se esboçava ainda de modo imperceptível. Por mais que interrogasse: “Qual seria o caminho

de descripción de la misma, habiendo distinguido eso como una tarea independiente. (LOTMAN, 1998c, p. 96).

4 Nos originais em russo: *Kul'tura i vzryv*, Moscou: Gnósis, 1992; e *Nepredskazúemyie mekhanízmy kul'túry*, Tallin: Tallin University Press, 2010.

a seguir?”, Lotman sabia que só a dinâmica do tempo poderia dizer, o que motivava demandas por revisões críticas capazes de contribuir para a abertura de caminhos de reflexão.

Acompanhar o percurso do pensamento semiótico de Lotman na revisão de pressupostos metodológicos da ciência da história em confronto com contextos de instabilidades é o principal objetivo desse ensaio. Recuando para episódios decisivos na passagem do século XIX para o XX, Lotman se concentrou no movimento que marcou o nascimento de movimentos de contestação da autocracia tsarista, o levante de zembrista de 1825.

Metalinguagem crítica no relato da história

Entende-se por metalinguagem crítica a abordagem analítica que situa a orientação metodológica como fundamento da própria compreensão do processo histórico. Com isso, o ponto de vista que focaliza um acontecimento tem poder de definição de sua constituição tipológica. Tal é a premissa elaborada por Lotman em sua revisão dos fundamentos que consagraram a “ciência da história” na definição de “fato histórico”.⁵

Se há um pensamento ao qual os historiadores não interpõem nenhuma dúvida é, sem dúvida, o conceito de verdade dos fatos históricos. Lotman questiona tal crença, sobretudo no que diz respeito à abrangência, como se pode ler em suas indagações:

Quais são os objetivos da ciência histórica? A história é uma ciência? Estas questões têm sido frequentemente levantadas e as respostas para elas têm sido numerosas. O historiador não dado à teorização, que se concentra na pesquisa do material primário, costuma contentar-se com a fórmula de Ranke, de restabelecer *o passado como realmente foi – wie es eigentlich gewesen*.⁶

5 LOTMAN, 1990, pp. 217-221.

6 What are the aims of historical Science? Is history a Science? These questions have

Insatisfeito com a “fórmula de Renke”, Lotman submete a análise os termos da “fórmula” que se consolidaram como pressuposto teórico. Segundo seu entendimento, porém, trata-se de uma formulação que ignora a natureza do fenômeno que investiga. E esse é o ponto principal de sua reflexão que tomou a análise histórica como um grande desafio para o pensamento semiótico.

Ao indagar sobre a natureza do fato histórico, Lotman não formula uma resposta imediata, mas concentra-se nas implicações que colocam sob suspeita a vaga noção de “fontes primárias”, que não exprime com clareza a que se refere. Tanto o acontecimento quanto o testemunho ou um documento qualquer podem ser fonte primária, embora cada um se origine de um tipo de experiência dificilmente considerada, tais como: relato oral, registro verbal, fotográfico ou audiovisual. Trata-se de objetos semióticos que não se confundem com os acontecimentos e vivências. Sem ponderar tal distinção, os historiadores reputam a ambos a condição de fontes primárias. Ao ignorar o papel mediador de cada uma das fontes, o historiador corre o risco de equiparar “fato” a “interpretação”, o que para Lotman é inadmissível, como se pode ler no raciocínio formulado abaixo:

A questão é que a palavra “fato” para o historiador quer dizer algo muito inusitado. Diversamente das ciências dedutivas que constroem suas premissas logicamente, ou das ciências experimentais que podem observá-las, o historiador está condenado a *lidar com textos*. Nas ciências experimentais, um fato pode ser considerado, pelo menos nos estágios iniciais, como algo primário, um dado que precede sua interpretação.⁷

often been raised and the answers to then have been numerous. The historian not given to theorizing who concentrates on research into the primary material is usually content with Ranke's formula of re-establishing the past '*wie es eigentlich gewesen*' – as it actually was. (LOTMAN, 1990, p. 217).

⁷ The point is that by the word 'fact' the historian means something very unusual. Unlike the deductive sciences which construe their premises logically, or the experimental sciences which can observe them, the historian is condemned *to deal with texts*. In the experimental sciences a fact can be regarded at least in the initial stages as something primary, a datum which precedes the interpretation of it. (LOTMAN, 1990, p. 217)

Para Lotman, o método dedutivo, fundado em proposições genéricas universais e formuladas pelo historicismo das ideias hegelianas, mostra-se pertinente ao estudo das ciências naturais, mas não ao entendimento dos fatos históricos.

O estudo de Lotman questiona a determinação dedutiva com base em um argumento rigoroso: um método descritivo fundamental nas ciências experimentais, se transportado para a descrição da cultura, absolutiza as diferenças do objeto investigado e impossibilita a distinção dos “universais comuns da cultura da humanidade”.⁸ Na distinção dos universais comuns reside a chave de seu argumento: os fatos históricos são processos culturais constituídos pelos mesmos elementos, porém com dinâmicas relacionais muito distintas entre si. O pensamento semiótico define tal unidade de diferenças como “texto de cultura” que exige outro método analítico: o método indutivo. Graças a ele, os historiadores produzem interpretações a partir das quais formulam não deduções, mas inferências.

Se a interpretação organiza a observação e o entendimento do fato histórico num relato, o fato em si – ou “*o passado como realmente foi – wie es eigentlich gewesen*”⁹ – já não é o objeto privilegiado no estudo da história, e sim sua interpretação enunciada sob forma de texto. No lugar do fato isolado, o estudo é orientado pela mediação que se manifesta em alguma textualidade semiótica. Nesse sentido, o texto se coloca como resultado da metalinguagem crítica que formula o fato como objeto de estudo.

Natureza semiótica dos fatos históricos textualizados

Ao ser interpretado, o fato histórico apresenta-se como algo que se distingue daquilo que se oferece diretamente à obser-

8 Cualquiera de los modos de descripción de la cultura antes mencionadas absolutiza las diferencias en el material que se estudia y no de la posibilidad de distinguir los universals communes de la cultura de la humanidad. (LOTMAN, 1998c, p. 96).

9 Ver nota 6.

vação, principalmente porque os textos são formas suscetíveis de diferentes codificações, cada uma dotada de diferentes propriedades significativas, ao que Lotman infere:

Um texto é sempre criado por alguém e segundo algum propósito e os eventos são apresentados no texto numa forma codificada. O historiador age como um decodificador e este não é um ponto de partida mas o resultado final de muitos trabalhos. O historiador cria fatos ao extrair uma realidade não textual de um texto e um evento de uma narrativa sobre ele.¹⁰

Com isso, a natureza semiótica dos textos domina a reconstrução dos eventos interpretados e oferece os fatos históricos como “matéria viva que se autodesenvolve”¹¹ preservando sua natureza de fato semiótico. Ainda que surpreendente, a noção de matéria-viva não é metafórica, mas designa a variedade das formas interpretativas que entram para a constituição de um texto de cultura, seja ele qual for. Codificar significa conferir ao texto arranjos de linguagem em formas e gêneros discursivos variados. Lotman observa que gêneros dominantes numa época podem inexistir ou mesmo serem proibidos em outra,¹² o que é o caso das épocas regidas por regimes autoritários com alto poder de controle de palavras e atos. O sistema signico assim construído está longe de fornecer a completude e complexidade do fato e, por isso, ignora camadas imensas de realidade.¹³

Quando os fatos históricos são considerados interpretações mediadas por textos diferentes, modelizações culturais ampliam as fontes analíticas. Com isso, os documentos se manifestam em diferentes linguagens. O texto verbal disputa um espaço documental com outras variedades textuais gráficas, caso dos mapas, escalas, gravuras, fotografias, filmes e os registros audiovisuais contemporâneos. Cada uma interpreta os

10 A text is always created by someone and for some purpose and events are presented in the text in an encoded form. The historian then has to act as decoder, and the fact is not a point of departure but the end-result of many labours. The historian creates facts by extracting non-textual reality from the text, and an event from a story about it. (LOTMAN, 1990, pp. 217-218).

11 LOTMAN. 1998b, p. 252.

12 LOTMAN, 1990, p. 219.

13 LOTMAN, 1990, p. 218.

fatos de acordo com seus recursos semióticos e os traduz em diferentes textos de cultura.

A propósito, Lotman lembra que a visão parcial da realidade se manifesta na percepção ingênua de um espectador de cinema que, ao assistir a um filme de uma tradição cultural diferente e distante da sua, acredita que os fatos registrados em cenas da película representam com precisão etnográfica a vida e os costumes do povo distante ao qual os fatos filmados se reportam. O espectador não consegue alcançar, conclui Lotman, que filmes dessa natureza apenas traduzem intersemioticamente documentos, frutos de diferentes processos de codificação e de recodificação dos relatos produzidos tanto por historiadores quanto por testemunhos – muitos deles anônimos. Com isso, todo o espectro de interpretações possíveis constrói níveis distintos de significação que oferecem o fato como matéria viva de corpo semioticamente articulado¹⁴

Embora seja possível admitir a orientação de um ponto de vista na análise dos fatos históricos, o método cognitivo de uma observação direta de fatos não coincide com a interpretação transformada em texto, evidência que se manifesta quando o historiador, na impossibilidade de uma observação ocular, recorre a testemunhos. O exame interpretativo só se torna possível após a tradução dos signos da linguagem oral em formas gráfico-visuais da escrita, cuja variedade tenta redimensionar os acontecimentos. Nesse caso, o texto revela a diversidade dos códigos e sua configuração como espaço semiótico da cultura.

A galeria de textos culturais que fazem parte de um patrimônio memorial da história evidencia que a própria metalinguagem desempenha um papel analítico-crítico de toda interpretação histórica. Logo, quando Lotman fundamenta sua análise histórica na metalinguagem crítica, seu gesto teórico apenas cumpre o desígnio de projetar evidências pouco consideradas e até mesmo esquecidas. Por conseguinte, a metalinguagem crítica organiza a articulação de seu argumento fundamental: ao tomar a oralidade de testemunhos como fonte imprescindível

14 LOTMAN, 1990, p. 219.

vel da modelização de documentos pela escrita e suas formas gráfico-visuais, o primeiro plano da cena discursiva é ocupado pelo homem comum, sua interpretação e suas memórias. Nada de seres espectrais, sem rostos, “como se a história das instituições sociais, da luta das forças sociais, das correntes ideológicas, houvesse abolido a história dos homens, relegando-os ao papel de figurantes no drama universal da humanidade”.¹⁵ E a cena da história pode ser observada pela ação de sujeitos históricos humanos e, portanto, falíveis.

Quando sujeitos históricos entram para a cena da construção histórica, a mirada centrada na noção de história como regularidade também sofre com interferências que modificam a marcha progressiva de eventos. Isso porque na voz de sujeitos históricos anônimos surgem interpretações do fato histórico que modificam a qualidade de sua constituição, ocasionando diferentes focalizações.

O caminho desse raciocínio se distancia da vaga noção de “fonte primária” como a dominante na definição da verdade. Depoimentos, frutos da memória cultural de sujeitos históricos, permitem a modificação e amplificação interpretativa, pois entra em ação a consciência, como se pode ler no fragmento que se segue.

A consciência é a capacidade de que é dotado o sistema que alcançou no sujeito pensante o ponto mais alto de seu desenvolvimento na capacidade de discernir suas próprias leis, e não o momento da escolha. Por isso o ato de autocohecimento era concebido como a finalidade da história; enquanto que, se entendemos a consciência como escolha de um caminho, esse ato resulta o princípio de uma etapa completamente nova da história.¹⁶

O novo objeto já não se apresenta como determinação aprio-

15 LOTMAN, 1998b, p. 247.

16 La conciencia es la capacidad que tiene el sistema que alcanzó en el sujeto pensante el punto más alto de su desarrollo de tomar conciencia de sus propias leyes ineludibles, y no el momento de la elección. Por eso el acto del autoconocimiento era concebido como el fin de la historia, mientras que, si entendemos la conciencia como elección de un camino, ese acto resulta el principio de una etapa completamente nueva de la historia. (LOTMAN, 1998b, pp. 246-247).

rística, mas como fruto de elaborações de consciência de atores em sua atuação como sujeitos humanos e sensíveis que são, capazes de operar escolhas com base em suas consciências e vivenciar acertos e desacertos; consensos e dissensos. Com isso, não apenas a casualidade insere-se na história, mas também a consciência entra em ação para interferir na marcha progressiva dos acontecimentos. Para Lotman, é todo o corpo de uma criatura plenivalente e ativa que participa da vida histórica e cósmica. Por conseguinte, a história se apresenta como “uma avalanche de matéria-viva que se autodesenvolve”.¹⁷

Resta dizer que os fatos históricos definidos como verdades não estão acima de qualquer suspeita. Não só não são refratários aos atos de consciência como deles se alimentam para produzir as mais elaboradas interpretações da história humana em sua marcha que também não se coloca imune às imprevisibilidades de seu curso. O objeto de estudo da ciência da história, segundo tal abordagem, não estabelece vínculos com nenhuma forma de absolutismo. Na verdade, ele apenas flutua no espaço semiótico, sendo atualizado no processo dinâmico de geração de códigos culturais que tensionam o sistema e o leva a se reestruturar.

Semiose histórico-cultural do comportamento sócio-psíquico

O processo interpretativo que oferece o fato histórico como produção de pensamento de sujeitos históricos permitiu a Lotman¹⁸ entender os comportamentos humanos como problema de psicologia social pertinente ao campo da semiótica da cultura, uma vez que a interpretação implica o trabalho de códigos e linguagens. Nesse caso, o comportamento e a história são semiotizados. Contudo, é preciso esclarecer que não são os fatos psíquicos os objetos de estudo de Lotman, mas

17 LOTMAN, 1998b, p. 252.

18 LOTMAN, 1984a; 1984b.

as ações sócio-históricas articuladas pelos processos de consciência e interpretação. Trata-se de encenações resultantes de enunciados individuais transformadas em ação coletiva, quando a palavra-discurso se transforma em ato que interfere em quadros histórico-culturais.

Lotman orienta sua análise para um episódio da história russa ocorrido em 14 de dezembro de 1825 em Petersburgo, que entrou para a história russa como movimento dezembrista. Em sua investigação, acompanhou as ações coletivas lideradas pelos dezembristas, os jovens militares nobres que se organizaram para reivindicar reformas no Estado autocrático russo. Para a história oficial, o movimento não passou de uma rebelião fracassada da qual não restou nada além de uma pintura esquelética e sem brilho. Para a investigação de Lotman, um conjunto louvável de produções discursivas desenharam um cenário de intervenção política na rígida estrutura social russa do século XIX, nada favorável à produção discursiva qualificada por pensamentos e ideias sobre as grandes questões humanas e sociais. Uma ampla maioria de analfabetos sob regime de servidão escrava e um controle do Estado sobre a vida ideológica contribuía para a inércia da vida social.

A vitória russa sobre Napoleão na Batalha de Borodino (junho a dezembro de 1812), gerou uma descendência militar formada pelo *savoir-faire* adquirido no período de confrontos, caracterizado basicamente pela habilidade de elaboração de planos estratégicos. Interiorizando processos de conhecimento nos moldes das práticas de sociedades secretas surgidas na França, jovens nobres militares russos tornaram-se habilitados na atividade de testar a força das ideias em discursos. Guiadas por valores tais como bravura, energia, empreendedorismo, rigor e determinação tornaram-se hábeis em conduzir disputas.¹⁹

Sociedades secretas eram proibidas naquela época, o que não impediu sua prática pelos jovens militares. Nelas, as habilidades adquiridas fomentaram discussões que alcançaram os desajustes da sociedade russa e a inércia do Estado em executar promessas de reformas do tsar Alexandre I. Muitos dos te-

19 LOTMAN, 1984a, p. 74.

mas tratados eram taticamente enunciados em conversas nos salões e recepções públicas da sociedade conservadora que os militares frequentavam na condição de nobres. Nesses espaços, não perdiam a oportunidade de exercitar seus discursos corrosivos, sempre enunciados com naturalidade e firmeza, alto e bom som. Discursos cujas ideias dirigiam escárnios às mazelas do tsarismo e sua perversa conservação da condição da servidão escrava a que legiões de camponeses se submetiam há séculos com a bênção da Igreja em benefício da sustentação do Estado. Onde houvesse oportunidade, nos salões sociais, nas ruas e nos espaços públicos de circulação, os oradores atacavam com seus discursos. Com isso, no interior de uma sociedade aristocrata fortemente estruturada, fronteiras discursivas ganharam contornos de luta ideológica de bases cognitivas contra o poder hegemônico.

Por esse tempo, a literatura e o jornalismo eram os principais veículos de debate de ideias, o que justifica a adesão de poetas, escritores e estudantes pobres, que formavam uma primeira geração de servos emancipados e bastardos de nobres a entrarem para a universidade. São eles os responsáveis pela irradiação das ideias sobre a contradição interna do regime tsarista fundado na servidão escrava dos camponeses. Essa juventude emancipada – os futuros livres pensadores, poetas, filósofos – foi identificada como *raznotchíntsi*, termo russo para designar a “extração social variada” e unida não pela classe mas pela consciência.²⁰ São essas pessoas que introduzem a figura do “homem comum” (ou “homem supérfluo”), muitos deles, no início do século XIX, se tornaram líderes naturais das lutas pela emancipação política.²¹ Deles surgiram as emblemáticas personagens de Fiódor Dostoiévski cuja força de ideias levou M. Bakhtin a conferir a eles o papel de ideólogos²² e porta-vozes de discursos ideológicos ou ideologemas.²³

Essa é uma síntese do quadro que aglutinou uma intensa

20 BERNARDINI, 2008, p. 110.

21 BERNARDINI, 2008, p. 110.

22 BAKHTIN, 2008, pp. 87-114.

23 VOLOSINOV, 1973, pp. 141-159.

movimentação de ideias e discursos que encontrou, no episódio da morte do tsar Alexandre I, ocorrida em 1o de dezembro de 1825, ocasião favorável à rebelião. Quando o tsar morre, sem cumprir as reformas políticas prometidas, os insurgentes vislumbraram a possibilidade de um recrudescimento com a possível ascensão de Nicolau. Para impedir a entronização, organizaram o levante para 14 de dezembro. Sem o comparecimento do contingente previsto, os amotinados foram esmagados pelos mais de vinte mil homens da guarda imperial. Os poucos sobreviventes foram condenados ao exílio na Sibéria e o regime tsarista instituiu a censura política para perseguir a produção de ideias de escritores, jornalistas, poetas.

No estudo de Lotman, o comportamento dos dezembristas, suas ações e performances discursivas constituem objetos de análise semiótica. Interessava-lhe o processo em que ideias foram semeadas colocando em cena novos atores sociais: os novos “homens russos”. Lotman entendeu, na ação dos dezembristas, experiências jamais cogitadas. Colocadas em ação, não só confrontaram a sociedade e as instituições conservadoras da época, mas também abriram caminho para o surgimento de novos atores políticos na vida social estagnada. Foram eles que aprenderam a enunciar seus próprios discursos e a se mostrarem conscientes de todas as atrocidades praticadas pelo tsarismo. A aparente derrota no campo do confronto direto se revelou como um ganho no campo das conquistas ideológicas.

No longo ensaio em que Lotman²⁴ examinou esse processo lento de transformação, o comportamento dos dezembristas foi entendido como elaboração de ideólogos que marcavam suas intervenções discursivas pelo uso da entoação: a palavra dita em voz alta,²⁵ que esperava ser ouvida para conclamar

24 LOTMAN, 1984a, pp. 71-124.

25 A palavra em voz alta se converteu no motor de mobilização do levante que, segundo Anatole Mazour, constou da leitura de um manifesto lido na concentração dos insurretos concentrados na praça do Senado em 14 de dezembro de 1825. Escrito e lido pelo príncipe S. Trubietsskói (1790-1860), membro-fundador da primeira sociedade secreta, a União da Salvação, em 1816 (LOTMAN, 1984, p. 75), o manifesto reivindicava a proclamação, pelo Senado, da abolição do governo e o estabelecimento de um governo provisório; da liberdade de imprensa e do fim da censura; da tolerância religiosa a todas as crenças; da extinção do

aos atos políticos. Por isso, esclarecia, nomeando as situações pelos “seus próprios nomes”, sem subterfúgios. Com isso, distinguíam e denominavam com clareza os acentos indiciais de condições sociais.

Tudo se torna comprometedor quando as enunciações discursivas ousam nomear as condições que distinguem as classes sociais e separam o que se reserva aos servos e o que é exclusivo de seus opressores. Em gestos verbais dessa natureza, Lotman identifica a força que explicita a ideia de que somente o ato político poderia libertar o homem de sua servidão e desencadear processos de transformação social.²⁶ Não se trata de um comportamento cotidiano tornado usual, mas de um comportamento com significado ético-político que emerge em situações cotidianas. Assim Lotman entende a formação de um extenso e complexo sistema de comportamentos semióticos nas performances dos dezembristas em suas diferentes atividades.²⁷

Na contramão de um quadro institucional secular, novas vozes são incorporadas na literatura, que se consagrou como lugar privilegiado para a expressão de ideias controversas ante a intransigência da censura tsarista. Temas proibidos e diversidade de pontos de vista das linguagens sociais dominam e tornam-se alvos da censura tsarista, transformando a palavra em ato jurídico passível de punição. Esse foi um capítulo da política russa que Lotman explorou em outro estudo.²⁸ E tudo começou com o comportamento progressista dos dezembristas no quadro da psicologia social. Dimensionar a astúcia de procedimentos estéticos que se consagraram em obras literárias, é o que se espera desenvolver na sequência.

direito de propriedade sobre um homem, do monopólio de sal e álcool; e, da igualdade de todas as classes perante a lei. (MAZOUR, 1964, p. 283; cit. RAMOS, 2010, p. 249, n. 183).

26 LOTMAN, 1984a, p. 83.

27 LOTMAN, 1984a, p. 85.

28 LOTMAN, 2022, pp. 173-181.

Quando a palavra se torna ato estético e político

Na análise das obras literárias, Lotman²⁹ acompanha os comportamentos de personagens que, tal como os dezembristas, aprenderam a manifestar suas ideias³⁰ controversas em discursos. A literatura se tornou um espaço privilegiado ainda no século XVIII, tendo em Aleksándr N. Radíchev (1749-1802) um dos primeiros porta-vozes do discurso satírico de caráter político. Em sua obra *Viagem de São Petersburgo a Moscou* (1790), descreveu as condições de miséria e escravidão dos camponeses, num estilo muito próximo ao das performances dezembristas, o que lhe rendeu exílio e proibição da obra (até 1905). Foi na sátira que Lotman encontrou uma personagem exemplar, capaz de materializar o comportamento dos dezembristas. Seu eleito foi Aleksándr Andréievitch Tchátiski, protagonista da comédia satírica *Горе от ума*³¹ (*Gorie ot uma* 1825), de A.S. Griboiédov (1795-1829), escrita entre 1822 e 1824. Tchátiski não é apenas porta-voz de uma das sociedades secretas, mas o grande performer de uma prática discursiva que se choca contra a moralidade e os costumes conservadores que nobres e tsares perpetuavam.³²

29 LOTMAN, 1984a, p. 81.

30 Vale lembrar que Lotman se mantém coerente com seu propósito de examinar não os fatos imediatos mas os comportamentos que os realizam em textos culturais, mobilizados que são por atos de consciência elaborados ao longo do tempo. Mesmo sem admitir, historiadores tais como Frank, 1992; Mazour, 1964, dentre outros, recorrem igualmente às fontes interpretativas de estudos históricos e literários para compor a história do período.

31 Em sua tradução da peça, do russo para o português, Polyana A. Ramos (2010, p. 29) explica que: "O termo *Gorie* em russo quer dizer: angústia, desgraça. *Um* é a inteligência, razão, intelecto. Literalmente, a tradução do título para o português implicaria a utilização de um artigo definido: A desgraça [ou a angústia] da inteligência. O professor Boris Schnaiderman sugeriu *A desgraça de ter espírito*." Na tese, Ramos conservou o título em russo.

32 Por nobreza russa deve-se entender vínculos distintos com a aristocracia rural, não pelo grau de parentesco com a realeza, mas pelo título de ancestralidade. Os príncipes, por exemplo, eram herdeiros dos boiardos, líderes tribais que expulsaram os mongóis e tornaram-se os principais agentes da formação da Rus fundadora da Rússia a partir de Kiev. (BERNARDINI, 2010; CALABRESI, 2021, p. 106).

O enredo da obra é trivial. Ao retornar a Moscou, após três anos na Europa, Tchátiski se depara com uma cidade e tipos sociais com cujo comportamento entra em conflito. No reencontro com a amada, Sófia Pávlovna, filha de um nobre, ele se decepciona com suas atitudes e posturas, que denunciam contrastes irreconciliáveis. Com uma sensibilidade aguçada, percebe que a mulher não é digna de seu amor e reconhece que tudo se perdera para ele: a mulher amada, a cidade, a vida social.³³ Com seu idealismo, romantismo e espírito ávido por mudanças, torna-se um ser perigoso.³⁴

O que seria perigoso em Tchátiski? Segundo Lotman, nada além de suas palavras e seus atos que tão bem traduziam suas ideias em comportamentos de nobre revolucionário e consciente de suas escolhas. Com raciocínio rápido, atualizava estratégias de ação examinando possibilidades.³⁵ Assim, adaptava seu discurso às variáveis de estilo prático e ideológico dominantes na Rússia progressista do século XIX,³⁶ como se pode ler em uma de suas encenações verbais:

Tchátiski

*Eis nossos severos juizes e apreciadores!
Agora, quando encontram um jovem como nós,
Um inimigo dos prazeres materiais,
Que não exige posições e nem graus,
Que é ávido pelo conhecimento e fita a inteligência pela
ciência,
Ou que em sua alma o próprio Deus incitou um ardor
Para com as criações artísticas, elevadas e magníficas –
No mesmo instante gritam: bandidagem! Incêndio!
E ganham a fama de sonhadores! Perigosos!! – ³⁷*

O perigo reside em falar abertamente, nomeando aquilo que não se ousa pronunciar na linguagem cotidiana. Com isso, o texto dramático apresenta uma composição em que o discurso reproduz, na escrita, a entoação da fala, apagando as distinções e materializando em ideologemas os diferentes acentos

33 RAMOS, 2010, p. 258.

34 LOTMAN, 1984a, p. 73.

35 LOTMAN, 1984a, p. 73.

36 LOTMAN, 1984a, p. 78.

37 RAMOS, 2010, p. 84.

de classe. Compare-se as entonações discursivas entre os rivais no seguinte diálogo:

Moltchálin

*Como ela é gentil! Boa! Terna! Simples! Impossível haver bailes mais ricos que os dela,
Do Natal à quaresma,
E nas férias de verão na dátcha.
Sim, é claro, por que não vem servir conosco aqui em Moscou? Obteria condecorações e gozaria alegremente a vida.*

Tchátski

*Eu me escondo da alegria quando estou a negócios
Mas ao vadiar, que folia!
Misturar trabalho e prazer é tarefa para milhares de especialistas, não minha.*

Moltchálin

*Queira me desculpar, pois aqui não vejo nenhum crime;
Veja o próprio Foma Fómitch, você o conhece?*

Tchátski

E que isso tem a ver?

Moltchálin

*Passados três ministros, ele continuava o chefe da seção.
Ele foi transferido para cá...*

Tchátski

*Que maravilha!
Um homem vazio, dos mais estúpidos.*

Moltchálin

*Como é possível?! O seu estilo é posto aqui como modelo!
Você leu o que ele escreveu?*

Tchátski

*Eu não sou leitor de tolices,
Ainda mais das exemplares.*

Moltchálin

*Não, eu tive a oportunidade de lê-lo com prazer,
Eu não sou escritor...*

Tchátski

E isso é visível a todos.

Moltchálin

Não ousou proferir uma opinião minha.

Tchátski

E para quem isso é segredo?

Moltchálin

Na minha idade não ousou ter minhas próprias opiniões.

Tchátski

*Ora, nós não somos crianças.
Por que então somente as opiniões alheias são sagradas?*

Moltchálin

Pois é necessário então depender dos outros.

Tchátski

Por que é necessário?

Moltchálin

Nós não ocupamos altos graus.

Tchátski (quase alto)

*Com tais pensamentos e com tal alma!
É ele o escolhido! Ela só pode estar me enganando, caçoan-
do de mim!³⁸*

No diálogo em que Tchátski se confronta com o suposto pre-
tendente de Sófia, além de direto, o comportamento discursivo

38 RAMOS, 2010, pp. 112-114.

do deembrista prima pela gestualidade carregada da ironia intencional. Ao investigar a transformação de uma vivência em linguagem poética, Lotman compreende que artistas clássicos ou românticos tratam os comportamentos visando seus efeitos na apreensão do texto pelo leitor, o que justifica a preocupação com o papel dos gestos na vida cotidiana como ato significante. Para ele,

O gesto é sempre um signo e um símbolo. Portanto, qualquer ação no palco, inclusive aquelas que se pretendem completamente desprovidas de qualquer finalidade cênica, é um gesto; seu significado está na intenção do autor.

Desse ponto de vista, o comportamento cotidiano do deembrista parecia teatral ao observador contemporâneo, comportamento calculado para afetar o espectador. Deve ter clareza, no entanto, que a “teatralidade” do comportamento de forma alguma implica insinceridade ou quaisquer outras características negativas. É simplesmente uma indicação do fato de que o comportamento adquiriu um certo sentido para além da vida real, ou seja, tornou-se objeto de atenção, em que o valor é atribuído não aos atos em si, mas ao seu significado simbólico.³⁹

Na peça de Griboiédov, o gesto físico é modelizado pela entonação discursiva própria do ideograma que enuncia. Assim, a dimensão simbólica do comportamento de Tchátski contrasta com a integridade de seu caráter, não afeito a confundir prazer com trabalho, tão comum à hipocrisia de quem se serve dos cargos para deleite, caso de seu interlocutor. Por meio dessa gestualidade discursiva, seu escrúpulo e idealismo desmascaram o discurso devasso do outro, polarizando radicalmente os valores políticos e morais.⁴⁰

39 [...] Gesture is always a sign and a symbol. Therefore, any action on the stage, including those which pretend to be completely free of any scenic purpose, is a gesture; its significance lies in the author's intention.

From this point of view, the everyday behavior of the Decembrist appeared theatrical to the contemporary observer, behaviour calculated to affect the spectator. It should clearly be understood, however, that “theatricality” of behavior in no way implies insincerity or any other negative characteristics. It is simply an indication of the fact that the behavior has acquired a certain sense beyond that of real life, that is it has become a subject of attention, in which value is attached not to the acts themselves, but to their symbolic meaning. (LOTMAN, 1984a, p. 81).

40 LOTMAN, 1984a, p. 82.

Em Tchátiski, Lotman encontra traços de comportamentos cotidianos que fizeram dos dezembristas os grandes ideólogos de sua época. Discursos políticos decorrentes da tomada de consciência sobre condições da vida cotidiana, e claramente direcionados contra o Estado, estavam predestinados ao mesmo fim a que foram submetidos os ideólogos dezembristas naquele dezembro de 1825.

É possível concluir o raciocínio observando como os ideólogos se transformaram na *intelligentsia*⁴¹ que consolidou o comportamento crítico do cidadão russo pensante.⁴² Na galeria de pensadores encontram-se, dentre outros, A. Púchkin, N. Gógol, I. Turgêniev, A. Herzen, V. Bielínski, M. Tcheniávski, N. Tchernichévski e, sem dúvida, F. Dostoiévski. Nos diferentes campos de suas atuações, exploraram a experimentação de ideias com o objetivo de produzir discursos críticos capazes de desafiar pensamentos e transformá-los em ato político.

Como se pode inferir, o movimento do raciocínio de Lotman nos levou para bem longe do entendimento que toma o fato histórico pelo viés da vaga noção de verdade.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. M. A ideia em Dostoiévski. In: BAKHTIN, M. M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 4a. edição. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense, 2008, pp. 87-115.

BERNARDINI, A. Os escritores russos na época do populismo. *Outra Travessia*, n.7, Santa Catarina, 2008, pp. 109-116. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/11982>. Acesso em: 17/12/2021.

41 No contexto russo, o conceito de *intelligentsia* foi gestado quando se iniciam as mudanças sociais após a derrota da Guerra da Crimeia nos anos de 1850 (BERNARDINI, 2008, pp. 110-111). Personagens da literatura russa (em Dostoiévski, Tólstoi e outros) foram construções dessa *intelligentsia* formada pelos *raznochintsy*. Trata-se, pois, de uma designação que não coincide com o significado de intelectual consagrado no ocidente, como nos alerta Bernardini.

42 FRANK, 1992, p. 62.

- CALABRESI, L. H. de F. Considerações acerca da estrutura social da Rússia tsarista. *Fronteiras*, Mato Grosso, v. 23, n. 41, pp. 101-123, 2021. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/15000>. Acesso em: 9 dez. 2022.
- FRANK, J. Pensamento russo. O caminho para a revolução. In: FRANK, J. *Pelo prisma russo. Ensaios sobre literatura e cultura*. Tradução de Paula C. Rolim; Francisco A. São Paulo: EDUSP, 1992, pp. 61-79.
- LOTMAN, I. M. Algunas ideas sobre la tipología de las culturas. In: LOTMAN, I. M. *La semiosfera II. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio*. Tradução de Desiderio Navarro. Madrid: Cátedra, 1998a, pp. 81-93.
- LOTMAN, I. M. Clío en la encrucijada. In: LOTMAN, I. M. *La semiosfera II. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio*. Tradução de Desiderio Navarro. Madrid: Cátedra, 1998b, p. 244-254.
- LOTMAN, I. M. Palavra e ação. In: LOTMAN, I. M. *Mecanismos imprevisíveis da cultura*. Tradução de Priscila Nascimento Marques. São Paulo: HUCITEC, 2022, pp. 173-181.
- LOTMAN, I. M. Sobre el metalenguaje de las descripciones tipológicas de la cultura. In: LOTMAN, I. M. *La semiosfera II. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio*. Madrid: Cátedra, 1998c, pp. 93-123.
- LOTMAN, I. M. Sobre o problema da tipología da cultura. In: SCHNAIDERMAN, Boris (org.). *Semiótica Russa*. São Paulo: Perspectiva, 1979, pp. 31-42.
- LOTMAN, Ju. M. The Decembrist in Everyday Life. In: LOTMAN, Ju. M.; USPENSKIJ, B.A. *The Semiotics of Russian Culture*. Tradução de Ann Shukman. Michigan: Ann Arbor, 1984a, pp. 71-124.
- LOTMAN, Ju. M.; USPENSKIJ, B. A. The Poetics of Everyday Behavior in Russian Eighteenth-Century Culture. In: LOTMAN, Ju. M.; USPENSKIJ, B.A. *The Semiotics of Russian Culture*. Michigan: Ann Arbor, 1984b, pp. 231-258.
- LOTMAN, Y. M. *Cultura y explosión. Lo previsible y lo imprevisible en los procesos de cambio social*. Tradução de Delfina

Muschetti. Barcelona: Gedisa, 1993.

LOTMAN, Y. M. The Problem of the Historical Fact. In: LOTMAN, Y. M. *Universe of the Mind. A Semiotic Theory of Culture*. Tradução de Ann Shukman. Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, 1990, pp. 217-221.

RAMOS, Polyana de Almeida. *Gorie ot uma, de Aleksandr Gri-bóiedov: tradução e aproximações*. 2010. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura Russa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8155/tde-31052011-161733/pt-br.php>. Acesso em: 2022-12-09

VOLOSINOV, V. N. Quasi-Direct Discourse in French, German, and Russian. In: VOLOSINOV, V. N. *Marxism and the Philosophy of Language*. Tradução Ladislav Matejka e I. R. Titunik. Cambridge: Harvard University Press, 1973, pp. 141-159.